

Um Extemporâneo entre Nós

Em 1965, Gérard Lebrun publica um de seus primeiros textos no Brasil, *As Palavras ou Os Preconceitos da Infância*. Ao deter-se na autobiografia de Sartre, faz dela uma leitura pelo avesso. Trabalha com conceitos – do autor e de outros pensadores – para revelar a artimanha do livro, para trazer à luz a astúcia do filósofo. Com isso, abala opiniões aceites, denuncia preconceitos, desmonta estratégias. É desta maneira que nos habituamos a vê-lo trabalhar.

Por mais de trinta anos, beneficiamo-nos com a presença, ainda que intermitente, de Lebrun entre nós. Alguns tiveram a oportunidade de testemunhar o impacto que sua reflexão causou em nosso cenário filosófico; outros, a de estabelecer com ele proveitoso debate intelectual. Alguns puderam constatar a erudição invejável e o notável rigor analítico de seus cursos e conferências; outros, tecer com ele relações de amizade profundas e duradouras. A todos nós é dada, hoje, a felicidade de conviver com sua escrita fina, bem-humorada e sobretudo maliciosa. No Brasil, ele mantém interlocutores como os tem lá, na França – José Arthur Giannotti, Bento Prado Júnior, Marilena Chauí, Paulo Eduardo Arantes, Francis Wolff, Gilles Gaston Granger, Jean Mathiot, Pierre Macherey. Entre tantos outros. E cabe a cada um deles tomá-lo a seu modo.

Da filosofia, Gérard Lebrun faz uma história heterodoxa. Não procura reconstituir sistemas de pensamento, tomando-os isolados uns dos outros. Ou determinar verdades de doutrinas, substituindo-as umas às outras. Tampouco pretende cotejar sistemas filosóficos ou comparar verdades doutrinárias, apontando suas afinidades e divergências, seus débitos e créditos. Rejeitando a técnica da contabilidade, entende a filosofia como *discurso*,

linguagem que instaura suas próprias regras, de sorte que ela não diz o verdadeiro, embora possa achar-se "no verdadeiro". Trata, pois, de apreender os *parti pris* velados de um procedimento lógico, de captar as idéias subjacentes a uma obra, de diagnosticar o não-dito de um autor.

Não é por acaso que Lebrun privilegia pensadores como Nietzsche e Pascal, recorre a eles como instrumentos de trabalho, utiliza conceitos seus como operadores. Essa "caixa de ferramentas", seja a reviravolta do pró ao contra pascaliana ou a genealogia nietzschiana, permite-lhe desvendar a trama, revelar o ardil dos filósofos. Pouco importa que se trate de Kant ou Hegel. Afinal, não seriam os filósofos - e talvez até mesmo os mais conceituados historiadores da filosofia - "advogados de seus próprios pré-juízos, que batizam de 'verdades'?"

Mas, com este procedimento, visaria Lebrun a construir um sistema? Certamente, não. Nada mais distante dele que o projeto de enclausurar o pensamento, encerrá-lo nos limites estreitos de uma dogmática. Visaria, então, a elaborar uma doutrina? Não, sem dúvida. Nada mais afastado de seu mundo que o propósito de colocar a reflexão a serviço da verdade, asfixiá-la sob o peso do incontestável. O que Lebrun faz é criar um estilo, uma outra forma de trabalhar a filosofia, um outro modo de pensar filosoficamente. Praticando "a desconfiança frente a numerosas formações ideológicas", exercendo a "vontade de exame no eixo de uma questão precisa", recusando-se a "embrenhar-se na selva das modas e das ideologias", suas considerações, audaciosas, ousadas, irreverentes, são por isso mesmo extemporâneas. Contundente, Lebrun põe em causa a vertente clericalista, teológica, cristã de nosso pensamento. Mais ainda, corrosivo, questiona nossos preconceitos. E não residiria nisto, precisamente, a tarefa mais nobre do filosofar?

Scarlett Marton
editora-responsável de **discurso**